Ilustração do livro "Persépolis", de Marjane Satrapi, que foi adaptado para o cinema

Regressão para a frente

Reportagens de Foucault sobre revolução iraniana são analisadas em livro

Os levantes populares que derrubaram ditadores da Tunísia e do Egito, e que colocam em xeque a Líbia de Gaddafi, são vistos com um misto de entusiasmo e cautela por analistas políticos. Afinal, na esteira de tiranos corruptos, pode surgir algo pior: teocracias totalitárias.

Mas foi justamente o radicalismo religioso de um movimento que derrubou uma ditadura do mundo islâmico, no final dos anos 1970, que provocou o entusiasmo de um dos maiores pensadores de nosso tempo: o francês Michel Foucault (1926-1984).

"Foucault e a Revolução Iraniana", livro que reproduz (e discute criticamente) os textos do filósofo e historiador francês sobre a ascensão do islamismo no Irã, pode esclarecer o que está em jogo nesse contexto que funde religião e poder.

Foucault viajou ao Irã em setembro de 1978, às vésperas da queda do xá Reza Pahlevi, para escrever reportagens para o jornal italiano "Corriere della Sera", e ficou extasiado com um ardor popular que escapava aos parâmetros habituais.

"O Irã está passando por uma greve política generalizada, que é uma greve 'em relação' à política." Longe de ser o "ópio do povo" (expressão marxista que identifica fé com manipulação ideológica), a restauração do islã comunitário seria uma espécie de regressão para a frente, uma inversão de polaridades em que a religião passa a ser a vanguarda, desafiando um projeto de modernização secular que tinha se tornado arcaico.

Os organizadores do volume, alinhados com os estudos feministas norte-americanos, examinam aspectos da cultura xiita que ele teria ignorado, identificam em sua obra teórica uma empatia com o martírio religioso e um "subtexto machista" insensível à opressão das mulheres.

Além disso, associam Foucault a uma nostalgia da "autenticidade" inspirada em Heidegger (1889-1976), o que é equivocado. O que o fascinou foi a mudança de paradigma (ou "episteme") da história, o renascimento de uma "espiritualidade política" semelhante à de Florença sob Savonarola ou da Inglaterra sob Cromwell. Uma espiritualidade narcótica que explica os mulás de fuzil e o terrorismo suicida –incompreensíveis para os padrões convencionais da política.

conexões

LIVRO

FOUCAULT E A REVOLUÇÃO IRANIANA ★★★
AUTOR: Janet Afary e Kevin B. Anderson
TRADUÇÃO: Fabio Faria
EDITORA: É Realizações (480 págs., R$ 89)

FILME

PERSÉPOLIS ★★★
Versão animada da HQ de autoria da própria diretora, narra o amadurecimento da filha de uma família "ocidentalizante" sob a opressão xiita.
DIRETOR: Marjane Satrapi
DISTRIBUIDORA: Sony (2007, R$ 108)

LIVRO

COMO O FUTEBOL EXPLICA O MUNDO ★★★★
Num livro que explica a globalização pelo futebol, o capítulo sobre as iranianas que desafiam a proibição de entrar em estádios é um instantâneo da condição feminina sob os aiatolás.
AUTOR: Franklin Foer
TRADUÇÃO: Carlos Alberto Medeiros
EDITORA: Zahar (2005, 224 págs., R$ 42)

FILME

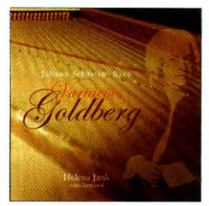
A atriz Sophia Loren em cena do filme

Fotos Reprodução

O HOMEM DE LA MANCHA ★★★
Arthur Hiller
(Versátil, R$ 37,50)

Nesse musical de 1972, adaptação do "Dom Quixote" de Cervantes, o próprio escritor entra em cena: preso pela Inquisição espanhola, ele narra a história da personagem que, por sua vez, é uma fantasia do fidalgo Alonso Quijano. Os três são vividos magnificamente por Peter O'Toole, que contracena com Sophia Loren (no papel de Dulcineia, foto) em versão de espetáculo da Broadway.

DISCO



BACH: VARIAÇÕES GOLDBERG ★★★★
Helena Jank (Kalamata, R$ 28)

A partir de uma ária inicial, Bach compõe 30 variações de formas tradicionais como o cânon, a fuga e a giga –mas as convenções de gênero são de tal modo trabalhadas que reinventam a tradição. E se os geniais registros de Glenn Gould associaram as "Variações" ao piano, a interpretação da brasileira nos recorda a pureza do timbre original.

LIVRO

NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS ★★
Gilberto Freyre (Global , 376 págs., R$ 62)

Ao ampliar, em 1959, conferências proferidas nos EUA, Freyre sintonizou suas intuições sobre o Brasil com o clima da Guerra Fria. Temas de "Casa Grande e Senzala", como democracia racial e colonização, soam propagandísticos quando servem para salvar o autoritarismo brasileiro de comparações com o fascismo ou o caudilhismo.